

A educação para as relações étnico-raciais: Ensino no contexto com a comunidade quilombola Kalunga**Education for ethnic-racial relationships: Teaching in the context with the quilombola community Kalunga**

DOI:10.34117/bjdv6n10-688

Recebimento dos originais: 30/09/2020

Aceitação para publicação: 30/10/2020

Rosikelly Macedo Gonçalves Cabral

Pós-graduanda

Ensino de Ciências e Matemática, Regional Itumbiara (IFG), Itumbiara, Estado de Goiás
rosikellymacedoshl@gmail.com**Juliana Moraes Franzão**

Doutora em Química

Universidade Federal de Uberlândia, IFG-Campus Itumbiara, Goiás
juliana.silva@ifg.edu.br**Renata Araújo Guizzetti**

Pós-graduanda

Ensino de Ciências e Matemática, Regional Itumbiara (IFG), Itumbiara, Estado de Goiás
renata.aguizzetti@gmail.com**Eunice Rosa dos Santos**

Graduanda

História pela Uninter e moradora da comunidade quilombola Kalunga Vão do Moleque
Eunicerosa250@gmail.com**RESUMO**

O trabalho apresentado é fruto de sequência didática realizada nas turmas de 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental I, na Escola *Happy School*, do Município de Itumbiara no estado de Goiás. O relato de experiência buscou responder a seguinte questão: “É possível que alunos do Ensino Fundamental I despertem o interesse em conhecer a história de comunidades quilombolas a partir de aulas contextualizadas com as relações étnico-raciais?”. Essa sequência desenvolveu-se em quatro etapas, sendo que a primeira consistiu na apresentação do livro “O Kalunga tem História Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola”, com o levantamento de semelhanças e diferenças existentes entre a realidade dos alunos e as comunidades quilombolas, evidenciando o processo histórico, a luta e a cultura. Na segunda etapa, realizou-se a leitura e discussão contextualizando-a com o livro didático da escola que apresenta o tema Remanescente de Quilombo Kalunga inserido na História de Goiás. A terceira etapa consistiu em diálogo e produção de textos e a quarta e última etapa, na elaboração de slides e apresentação dos trabalhos. Os resultados evidenciaram a necessidade de um currículo escolar integrado que estimule o aluno a querer conhecer e valorizar a história e cultura de comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Educação, Quilombolas, Kalunga.

ABSTRACT

The work presented is the result of a didactic sequence carried out in the 4th and 5th Year classes of Elementary School, at Escola Happy School, in the municipality of Itumbiara in the state of Goiás. The experience report sought to answer the following question: “Is it possible that students do Ensino Fundamental I arouse interest in knowing the history of quilombola communities from classes contextualized with ethnic-racial relations? ”. This sequence was developed in four stages, the first of which consisted of the presentation of the book “Kalunga has History Challenges for Teaching Chemistry in Quilombola Education”, with a survey of similarities and differences between the reality of students and communities quilombolas, showing the historical process, the struggle and the culture. In the second stage, the reading and discussion took place contextualizing it with the school textbook that presents the theme Remaining of Quilombo Kalunga inserted in the History of Goiás. The third stage consisted of dialogue and production of texts and the fourth and last stage, in the preparation of slides and presentation of works. The results showed the need for an integrated school curriculum that encourages students to want to know and appreciate the history and culture of quilombola communities.

Keywords: Education, Quilombolas, Kalunga.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um artigo que tratasse da questão dos direitos sociais como a educação e cultura, e de se conhecer a história do estado de Goiás na perspectiva dos povos tradicionais quilombolas, como exemplo a Comunidade Quilombola Kalunga, surgiu a partir de discussões no decorrer das aulas de Ensino por Investigação do curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

A discussão permitiu refletir o quanto não se conhece as raízes culturais, percebendo-se uma oportunidade de aprofundar as investigações em uma turma do 5º Ano do Ensino Fundamental I. Vale mencionar que a comunidade goiana não conhece as comunidades quilombolas existentes em seu estado, menos ainda o maior território quilombola brasileiro que abriga a Comunidade Quilombola Kalunga, que permaneceu isolada por muitos anos, de acordo com Franzão, 2017:

Não há um registro específico sobre a origem dessa comunidade. No depoimento de Dona Procópio, membro mais velho da comunidade que lutou junto com Santina (in memoriam) sua companheira de jornada, e com o auxílio de Mari Baiocchi e outras pessoas, podemos dizer, a partir da fala de sua neta Bia, que foi formada há mais de 250 anos por seus antepassados que vieram da África e que há pouco mais de 40 anos começaram a ter maior acesso à cidade e às pessoas “externas” à comunidade. (FRANZÃO, 2017)

Os dados de Franzão (2017) condizem com os de Fernandes (2014), ao afirmar que a comunidade quilombola Kalunga remonta, mais ou menos, por volta de 1722, quando o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva adentrou o território da então Capitania de Goiás, para a exploração das minas.

Conhecer as pesquisas publicadas retratando a história, trajetória e cultura do próprio estado, divulgando-as por meio de aulas, permite aproximar-se de realidades diferentes que oportunizam novos aprendizados. Dessa forma, a leitura de um livro, escrito a partir da pesquisa etnográfica realizada por Franzão, 2017, trouxe relatos de experiências de vida do povo Kalunga, na busca pelos seus direitos territoriais, culturais e respeito ao seu modo de ser e viver, plantar e colher. Além disso, foi possível conhecer como são capazes de desenvolver uma educação de qualidade, valorizando os saberes tradicionais, enfrentando a escassez de recursos financeiros e estruturais, o que despertou nos alunos, tanto da Pós-Graduação quanto nos do Ensino Fundamental I, o interesse em entender melhor suas raízes.

Em síntese, trouxe uma contextualização histórica acerca da formação da Comunidade Quilombola Kalunga: resistência, origem, reconhecimento e tombamento como Sítio Histórico Cultural Kalunga, bem como o conceito de quilombos e quilombolas, que muitas vezes não é bem conhecido ou discutido na sociedade brasileira. Cada etapa desse processo foi construída com a participação ativa dos alunos que pesquisaram, debateram e apresentaram vários aspectos encontrados na pesquisa que realizaram, sendo incorporados ao tema.

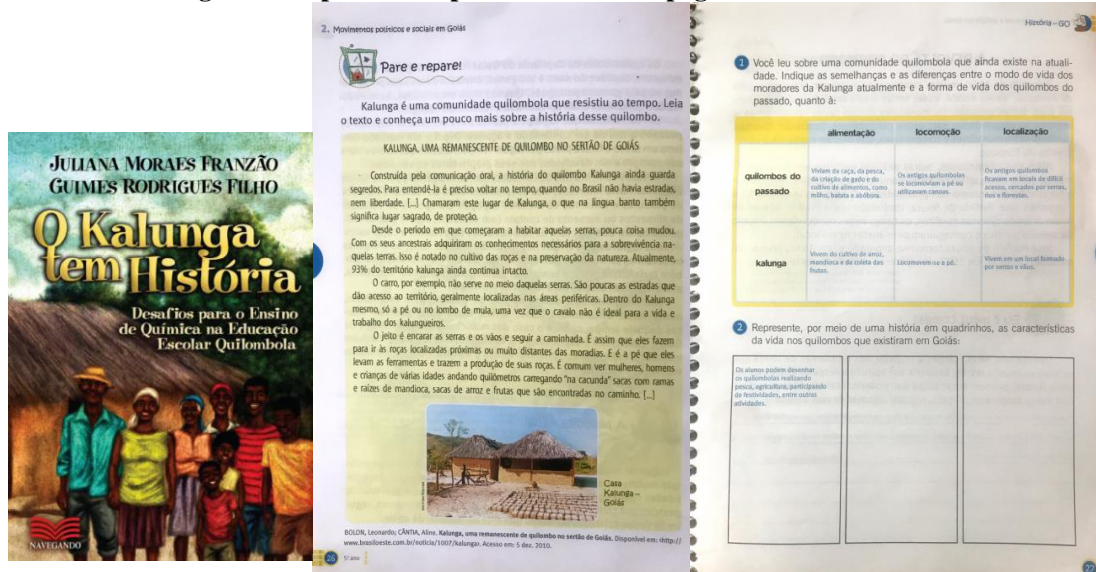
2 DESENVOLVIMENTO

O trabalho consistiu no desenvolvimento de quatro etapas: leitura do livro paradidático, leitura do livro didático, discussão e produção textual, realização de pesquisa com elaboração e apresentação de slides.

Na primeira etapa da atividade foi apresentado o livro “O Kalunga tem História Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola” (figura 1). Durante a leitura, foram levantadas as semelhanças e diferenças existentes entre a realidade dos alunos e as comunidades quilombolas, evidenciando o processo histórico, a luta, a resistência, o preconceito racial e a cultura.

Na segunda etapa, os estudantes realizaram leitura e discussão em seu próprio livro didático que apresenta, na História de Goiás, o tema Remanescente de Quilombo Kalunga, permitindo a realização de um trabalho contextualizado entre os materiais (figura 1).

Figura 1: Capa do livro paradidático e das páginas 26 e 27 do livro didático



Fonte: Franzão, 2017 e Dalfré, 2013

Utilizar um livro paradidático, conjuntamente ao material referência da escola, permitiu ao aluno ampliar a sua visão do tema discutido, levando-o a experienciar um horizonte ampliado acerca do assunto.

A terceira etapa consistiu em atividades orais, dialogando sobre o tema para realização das produções textuais, as quais foram marcadas pelo envolvimento dos alunos que demonstraram interesse em realizar o que foi proposto, conforme pode ser observado nas figuras 2 e 3.

Figura 2: Produção textual aluno Bruno

Quilombos são comunidades formadas por escravizados fugitivos das fazendas. Esses lugares se transformaram em centros de resistência dos escravizados negros que escapavam do trabalho forçado no Brasil.

Fonte: Elaborado pelo aluno Bruno

Os estudantes sentiram-se motivados a produzir desenhos e também a escrever acerca da importância do respeito e da cultura produzida dentro da comunidade quilombola Kalunga, como é possível visualizar na figura 3.

Figura 3: Produções escritas e desenhos elaborados pelos estudantes



Fonte: acervo pessoal da autora, elaborados pelos próprios estudantes: Júlya, Rian, Thalles, Carolina e João Pedro.

Na quarta etapa, os alunos elaboraram seus próprios slides, os quais foram solicitados como atividade de casa, produzidos a partir da pesquisa realizada e compartilhada com os familiares, uma vez que as crianças sentiram a necessidade de apresentar em casa o tema que estavam estudando na escola.

Cabe destacar que as etapas realizadas foram sendo constituídas ao longo do desenvolvimento das aulas, uma vez que os alunos demonstraram interesse e participação ativa durante todas as atividades propostas, sendo que o tema não se deu como esgotado, havendo o desenvolvimento de outras etapas que serão apresentadas futuramente.

Os resultados produzidos, a partir do desenvolvimento do trabalho, trouxeram a necessidade de uma proposta que elabore e pratique um currículo escolar contextualizado, por meio do qual os alunos se aproximem dessa história tão importante para que possa ocorrer o rompimento das barreiras relacionadas ao racismo no Brasil, valorizando a história de comunidades tradicionais que contribuíram na construção da nação brasileira. Além disso, esse conhecimento concorre para a formação de cidadãos conscientes desde a infância, a fim de suscitar na sociedade o respeito, a responsabilidade e o enaltecimento da cultura e do histórico de lutas dos povos quilombolas Kalunga, que são verdadeiros exemplos de resistência, saberes, educação, honra e vitórias.

Nesse cenário, foi trabalhado o conceito e origem do preconceito e a aceitação do nome Kalunga, apresentando as pluralidades da cultura, exercida por meio das festividades, a luta pelo reconhecimento territorial e sua extensão que continua representando um espaço de resistência.

A partir desse contexto, fez-se uma abordagem geral dos hábitos culturais e sociais dos quilombolas Kalunga, apresentando os principais alimentos produzidos e consumidos na comunidade, seu jeito de ser, plantar, produzir e viver socialmente com uma cultura apoiada na fé, nos festejos, nas danças, no ensino vivenciado nas escolas da comunidade e nas tradições repassadas de geração para geração.

Por último, discutiu-se acerca da garantia dos seus direitos culturais na escola, como a oferta da merenda escolar relacionada com os hábitos alimentares da comunidade, uma vez que as escolas quilombolas possuem um cardápio alimentar diferenciado das demais escolas, de acordo com o estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica DCNEEQEB de 2012.

Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local. Há uma reivindicação histórica das organizações do Movimento Quilombola em relação à alimentação destinada às escolas e seus estudantes. Os quilombolas reivindicam uma alimentação escolar articulada aos costumes locais, à sua dieta alimentar, aos modos de ser e de produzir das comunidades. (BRASIL, 2012)

Oportunizar o conhecimento sobre as comunidades quilombolas, por meio das etapas realizadas, tornou-se uma possibilidade de mostrar para os alunos que conhecer a história, realizar pesquisa e construir conhecimento é uma janela para colaborar na formação de adultos mais receptivos e menos preconceituosos.

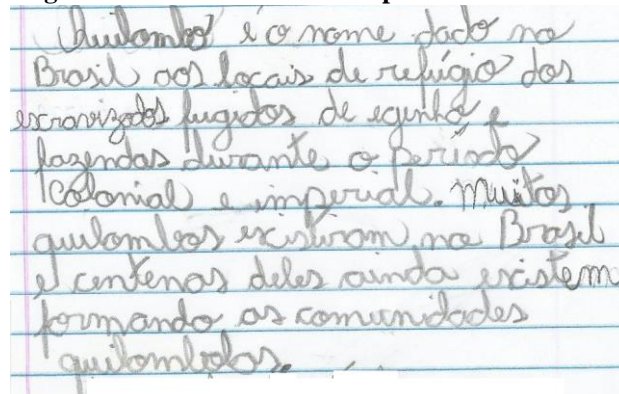
Os alunos aprenderam que na ancestralidade do povo brasileiro, os africanos foram marcados pelo processo de escravização, iniciado na África, onde eram capturados e, posteriormente, trazidos para trabalhar em terras brasileiras. Durante a viagem, sofriam terríveis mazelas como doenças, violência, maus tratos e fome, sendo que muitos morriam durante a trajetória no oceano Atlântico. Já em terras brasileiras, eram separados para evitar comunicação entre si e misturavam-se a diversas etnias, a fim de que obedecessem às ordens de seus senhores para realização dos trabalhos.

Por muito tempo adotou-se o termo escravos para designar aqueles que eram capturados e trazidos para trabalhar à força em terras brasileiras, sendo que em alguns materiais de Ensino Básico a palavra ainda é adotada. A aula permitiu evidenciar que ao trocarmos o termo escravo por escravizado, humaniza-se aquela pessoa que foi colocado na condição de propriedade e não se tratava de um objeto de trabalho, conforme citado por de-La-Taille e dos Santos, 2012.

Escravidado, nessa perspectiva, remete a um campo semântico distinto daquele construído e constituído em torno do vocábulo escravo. Escravo conduz ao efeito de sentido de naturalização e de acomodação psicológica e social à situação, além de evocar uma condição de cativo que, hoje, parece ser intrínseca ao fato de a pessoa ser negra, sendo desconhecida ou tendo-se apagado do imaginário e das ressonâncias sociais e ideológicas a catividade dos escravos por povos germânicos, registrada na etimologia do termo. O campo semântico de escravo aproxima a pessoa cativa de um ente que seria escravo, no lugar de permitir entrever que ele estaria nessa condição. A responsabilização sobre a condição de cativo desliza da parte que exerce o poder e escraviza outrem, para a parte que, oprimida, passa a ser vista como natural e espontaneamente dominada e inferiorizada. Em não se tratando de um estado transitório, mas de uma condição de vida, implícita no termo escravo, seu emprego contribui ardilosamente para a anistia dos agentes do processo histórico de desumanização, despersonalização e de expoliação identitária do escravo ou ex-escravo. (de-La-Taille e dos Santos, 2012, p.8)

Em sala de aula, juntamente com os alunos, pesquisou-se em dicionários físicos e on-line e, em sua maioria, não se encontrou o verbete “escravizado”. Com a leitura do livro “O Kalunga tem história”, verificou-se que nenhum dos alunos sabia de que se tratava um quilombo, pois nunca haviam ouvido ou estudado sobre o tema. O trabalho permitiu que conceitos fossem elaborados pelos alunos conforme apresentado na escrita do aluno João Pedro na figura 4.

Figura 4: Conceitos elaborados pelo aluno João Pedro



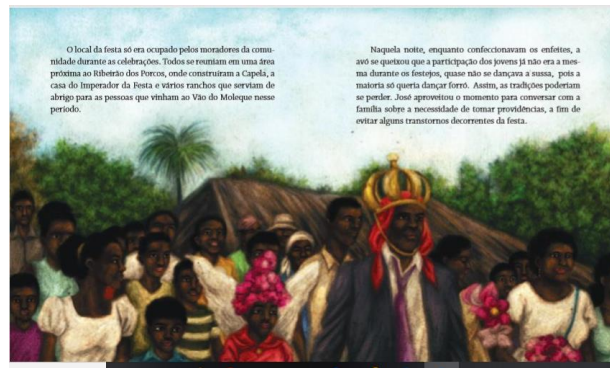
Quilombo é o nome dado no Brasil aos locais de refúgio dos escravizados fugidos de fazendas e fazendas durante o período colonial e imperial. Muitos quilombos existiram no Brasil e centenas deles ainda existem formando as comunidades quilombolas.

Fonte: Elaborado pelo aluno João Pedro

Os alunos se encantaram com a forma pela qual os Kalungas realizam os festejos no culto a São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião, quando as famílias se deslocam para regiões da Comunidade Kalunga, comemorando, rezando, dançando, ouvindo músicas como forma de agradecimento e manutenção das suas raízes culturais. Foi observado, ainda, que os jovens vêm substituindo a sussa pelo forró devido à proximidade com a tecnologia e o meio urbano.

Os festejos tornaram-se um atrativo para o turismo local e acontecem ao longo do ano sendo incluídas as rezas, danças e comidas típicas. Uma das mais conhecidas é a festa de Nossa Senhora da Abadia, que ocorre na comunidade de Capela, na região do Vão de Almas, durante o mês de agosto.

Figura 4: Festejo de São Gonçalo



Fonte: Frazão, 2017. pp. 28 e 29.

As pesquisas realizadas como tarefa de casa sobre os festejos e a valorização da cultura, resultaram em falas que demonstraram o interesse em aprofundar os estudos sobre a comunidade, tendo em vista que muitas pessoas visitam a região somente para conhecer os pontos turísticos. Alguns alunos externaram essa preocupação, evidenciada nas transcrições a seguir:

Preciso conhecer melhor o Kalunga, saber em que acreditam, seu artesanato, seus costumes e como vivem lá. (Bruno)

O mais importante no Kalunga não é a parte do turismo, mas sim a cultura. (Rian)

Durante as apresentações de slides (Figura 5) sobre as tradições culturais do dos povos Kalunga, foram citadas a sussa e o bolé como parte da cultura local.

Figura 5: Slide elaborado pelo aluno Bruno



Fonte: Elaborado pelo aluno Bruno

Os alunos puderam conhecer que a principal atividade econômica existente na comunidade foi, durante muitos anos, a agricultura familiar de subsistência sendo comum a troca do excedente por produtos não típicos da comunidade, como o sal e o café. Essa base econômica não monetária, caracterizada pelo escambo, permitia uma equidade da distribuição dos bens dentro do quilombo (UNGARELLI, 2009), característica que hoje foi alterada, tendo em vista que, ao precisar do

dinheiro para comprar aquilo que não produzem, realizam a venda do excedente de sua produção. Além da agricultura, essas comunidades cultivam diferentes tipos de frutas e verduras nos arredores das casas e também dependem do extrativismo de espécies nativas da região, como jatobá, guariroba, pequi, baru, cagaita, mangaba, baquari, cajuí, coco indaiá, buriti e o licuri, como apresentado por Fernandes (2015). A aluna Carolina pode evidenciar esse aprendizado na sua fala durante a atividade oral:

A vida na comunidade quilombola se baseia em plantações, coleta de produtos como frutos, além de criarem animais para consumo. (Carolina)

O povo Kalunga tem desenvolvido um novo setor econômico, o turismo com vários atrativos naturais, como cachoeiras e mirantes, sendo a cachoeira Santa Bárbara a mais visitada da região de Cavalcante, atração esta que demanda guias, alojamentos e alimentação para os turistas e gera, juntamente com a venda de artesanato, retorno financeiro para a comunidade Kalunga.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das atividades permitiram verificar que os alunos compreenderam de forma significativa os conceitos de quilombo, quilombolas, comunidade quilombola, escravo e escravizado, sendo que, durante a sequência didática, notou-se que os alunos foram participando de todo o processo, sentindo-se cada vez mais à vontade e interessados para desenvolver as atividades solicitadas, participar dos diálogos e realizar as pesquisas, questionando sobre o assunto, envolvendo os seus pais, sentindo-se mais motivados na busca do conhecimento.

Foi interessante perceber que crianças de dez anos podem e conseguem pesquisar, conhecer e serem críticos diante da realidade. Que o preconceito é algo construído ao longo da vida, haja vista que, a partir das atividades propostas, evidenciou-se que, para esses alunos, o Kalunga não tem só história, tem uma identidade e uma cultura que precisa ser preservada. Atualmente, existe o desejo por parte desses estudantes de, juntamente com seus pais, realizarem uma visita para vivenciar uma experiência na comunidade e, assim, vivenciar tudo aquilo que eles puderam conhecer nos livros, pesquisas e diálogos.

Dessa forma, o ensino da história de Goiás, a partir do livro didático dos alunos em conjunto com um livro paradidático produzido com base em vivência na Comunidade Quilombola Kalunga, permitiu aos alunos se movimentarem para construir o seu próprio conhecimento acerca das comunidades quilombolas, transformando esse conhecimento em sementes para um futuro em que seja possível vislumbrar a eliminação do racismo no Brasil e se valorize a ancestralidade de povos que lutaram e lutam até hoje por condições melhores de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. G. **Organização Espacial e Ocupação no Kalunga: a moradia como efetivadora.** Paranoá Periódico Eletrônico de Arquitetura e Urbanismo. Paranoá, Brasília, DF, v. 7, 2005.
- ARRUTI, J. M. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola.** Bauru: Edusc, 2006.
- BAIOCCHI, M. N. **Kalunga: povo da terra.** Brasília: Ministério da Justiça, 123p. 1999.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento.** Campinas: Papirus, 2000.
- BARTH, F. **On the study of social change.** American Anthropologist, Washington, v. 69, n. 6, p. 661-669, 1967.
- BRASIL. **Resolução N.º 08 de 20 de novembro de 2012.** Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Brasília, MEC/CNE, 2012. BRASIL. _____, MEC, 2012. Disponível em <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivospdf/diretrizes-curriculares>. Acesso em: 03 mai. 2019.
- DALFRÉ, L. A.; MELLO, L.; FREITAS, S. C.; **Regional 5º Ano: História e Geografia: Goiás.** Curitiba: Positivo, 2013. 18-27pp.
- FRANZÃO, Juliana Moraes. O Kalunga tem História. Uberlândia: Navegando, p. 40, 2017.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; SANTOS, A. R. **SOBRE ESCRAVOS E ESCRAVIZADOS: PERCURSOS DISCURSIVOS DA CONQUISTA DA LIBERDADE :III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS).** Campinas – SP, p. 13. 2012. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf - Acesso em 28 de mai.2019
- LIMA, L. N. M.; NAZARENO, E. **Manifestações culturais em território Kalunga: a festa de Nossa Senhora de Aparecida como elemento de (re)afirmação identitária e reaproximação étnica.** REMIE Multidisciplinary Journal of Educational Research, v. 2, n. 1, p. 105-127, 2012.
- MOURA, Clóvis. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, Glória. A educação e as comunidades remanescentes de quilombos. *Revista Palmares em Ação*, Brasília, Ano 1, n. 1, 2002, pp. 10-23.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: KABENGELE, M. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José; GOMES, Flávio. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. 5ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Dimas S. da. Frechal: Constituição e diferença: o problema jurídico das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. In: Regulamentação de terras de negros no Brasil. Boletim Informativo NUER, v. 1, n. 1

UNGARELLI, D.B. A comunidade quilombola kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes. 2009. 92p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122015000200421 – Acesso em 28/mai/2018.